

Novo caminho

Os conceitos, em tempos conturbados e de tantas crises como o atual, se misturam, se interpenetram, e o que parecia certo ontem, deixa de sê-lo hoje e pode retomar o sentido amanhã. Não, não estamos praticando simples jogo de palavras; estamos apenas estabelecendo a premissa básica para introdução de um tema por demais polêmico, passionai e, que está a merecer uma reflexão profunda da sociedade, aqui tomada em seu sentido unitário, para estabelecer uma decisão que não pode mais ser adiada. O tema em pauta, contudo numa indagação, é "como combater o uso de drogas".

O mundo inteiro, e os Estados Unidos se destacam como os principais articuladores do debate, discute a questão das drogas. E o que tem feito até aqui é combater através da repressão. O leque de leis se caracteriza por punições e a maioria das propostas que surgem também se caracteriza por esse aspecto punitivo. Em sociedades onde o caráter repressivo da legislação é mais brando, liberal, observa-se uma relação menor entre uso de drogas e violência e não formação de cartéis. Repete-se o fenômeno verificado com a pena de morte: onde existe, a violência afugura-se exacerbada e os índices de criminalidade extrapolam os limites médios.

Não somos autoridades no assunto e nossa intenção é chamar a atenção para um ângulo da questão das drogas pouco focalizado pela mídia e grupos de combate, embora já tenham sido divulgadas propostas neste sentido: o da descriminalização do uso da droga, mantendo-se apenas o aparato repressivo para quem trafica.

A descriminalização, obviamente, teria de ser acompanhada de amplas e frequentes campanhas de esclarecimento sobre os perigos e os malefícios causados pelo uso de drogas. Nessas campanhas, sem preconceitos e da forma mais clara possível, seriam mostrados os danos que pode provocar à saúde humana a utilização de substâncias incluídas no rol das drogas.

Há estudos comprovando redução significativa do consumo de drogas em locais onde não existe legislação punitiva para o consumidor. É como se o proibido exercesse atração fatal sobre os usuários em potencial, alimentando uma rede de organizações cada dia mais poderosas e somente arranhadas na superfície pelo braço da lei.

Sabe-se que os cartéis das drogas são tanto ou mais influentes do que as organizações legais, elegendo políticos, comprando representantes de instituições e estando melhor equipados para um

enfrentamento com as forças policiais. Então, não passaria de demagogia a mobilização e as campanhas repressivas sob o apelo do extermínio do tráfico. No atual estágio, da maneira como estão consolidadas as "fábricas" de drogas e as redes de comercialização, torna-se praticamente inútil o discurso do extermínio.

Além disso, quanto o Estado gasta para sustentar esse combate sem fim, cujos resultados, mês a mês, ano a ano, só são favoráveis ao outro lado? Certamente, as campanhas de esclarecimento sairiam bem mais baratas e, talvez, melhor sucedidas. Nessas campanhas participariam, a família, a escola, as religiões.

Eliminado o caráter de ilegalidade e o tom repressivo que cercam os consumidores comuns — núcleo do fascínio que as drogas exercem sobre os jovens — de acordo com estudos realizados por especialistas em psicologia — fatalmente o tráfico perderia boa parte de seus "soldados", porque, inclusive, grande parte deles não será desinformada como é hoje e resistirá à ideia de participar dessas organizações.

Somente o "cartel do Rio", segundo estimativas do Setor de Análises e Banco de Dados da Divisão de Repressão a Entorpecentes daquele Estado, arrecada mensalmente cerca de 5 milhões de dólares com a venda de cocaína no Rio de Janeiro. O "cartel" tem 9 mil empregados, a maior parte com menos de 18 anos, porque menor não cumpre pena pelos crimes cometidos.

Um levantamento sobre o mercado de trabalho no "cartel" indica que o vigia (olheiro para avisar sobre a presença da polícia) ganha Cr\$ 200 mil por mês; o soldado (responsável pela segurança), Cr\$ 900 mil; o vapor (vendedor na boca-de-fumo), Cr\$ 1,6 milhão; gerente do "preto" (contador das vendas de maconha), Cr\$ 3 milhões; gerente do "branco" (contador das vendas de cocaína), Cr\$ 4 milhões; e gerente-geral (administrador do grupo de funcionários), salário negociado caso a caso.

Agora, diante desses números, que mostram crescimento e enriquecimento avassalador dos traficantes e seus chefes, respondam se é possível exterminar, como chegam a prometer algumas campanhas de repressão, com os grupos ligados ao tráfico? Todas as vezes que o homem se deparou com problemas aparentemente insolúveis, apenas o conhecimento e a divulgação desse conhecimento foram capazes de oferecer-lhe a solução. No caso das drogas, talvez seja esse o caminho.

Se os governos não aproveitarem este interesse da sociedade para regular a qualidade da escola pública, estarão condenando-a irremediavelmente, dado que as insatisfações não mais se concentram nos segmentos menos organizados da sociedade, mas na classe média, que se manifesta e forma opinião.

Creio que o episódio serve para alertar tanto a escola pública como a privada. A escola pública porque não solucionou seus problemas estruturais, e não está preparada para esta demanda crescente e exigente.

A educação requer mais e mais recursos adicionais, melhores condições de trabalho, reciclagem permanente dos professores da rede pública, mo-

to interno e os meios de comunicação (a serviço do governo) propagam o sentimento nacional e antijaponês. Recentemente, concorrências ganharam por empresas japonesas chegaram a ser canceladas. Deputados americanos e japoneses foram protagonistas de um episódio que comumente se atribui aos países subdesenvolvidos, trocaram fúrias atraídas da mídia internacional e o protecionismo. Estas duas posturas estão demonstrando que o protecionismo, ao contrário do que pensam os liberais brasileiros, ainda é arma importante na luta econômica.

Enfim, percebe-se que na briga entre os grandes o protecionismo não é instrumento arcaico e impróprio à modernidade. Os Estados Unidos criticam a utilização do protecionismo, especialmente em países do Terceiro Mundo, mas não se intimidam em recorrer a ele para forçar negociações e conquistar espaço no mercado internacional. Resta a nós brasileiros ficarmos atentos à noção ilusória de "economia livre" e fortalecermos nosso mercado interno, atraído o investimento estrangeiro pelas nossas qualidades e não pela nossa rendição incondicional.

Os caminhos para a modernização são diversos e os seus resultados podem beneficiar diferentes grupos. A escolha das armas e das estratégias determina em grande parte quem sairá favorecido. Será que mais uma vez o Brasil dará um salto de modernização excluindo a grande maioria dos seus cidadãos em favor de grandes interesses estrangeiros?

Nelson Rosário de Souza, sociólogo

Protecionismo

to interno e os meios de comunicação (a serviço do governo) propagam o sentimento nacional e antijaponês. Recentemente, concorrências ganharam por empresas japonesas chegaram a ser canceladas. Deputados americanos e japoneses foram protagonistas de um episódio que comumente se atribui aos países subdesenvolvidos, trocaram fúrias atraídas da mídia internacional e o protecionismo. Estas duas posturas estão demonstrando que o protecionismo, ao contrário do que pensam os liberais brasileiros, ainda é arma importante na luta econômica.

Enfim, percebe-se que na briga entre os grandes o protecionismo não é instrumento arcaico e impróprio à modernidade. Os Estados Unidos criticam a utilização do protecionismo, especialmente em países do Terceiro Mundo, mas não se intimidam em recorrer a ele para forçar negociações e conquistar espaço no mercado internacional. Resta a nós brasileiros ficarmos atentos à noção ilusória de "economia livre" e fortalecermos nosso mercado interno, atraído o investimento estrangeiro pelas nossas qualidades e não pela nossa rendição incondicional.

Os caminhos para a modernização são diversos e os seus resultados podem beneficiar diferentes grupos. A escolha das armas e das estratégias determina em grande parte quem sairá favorecido. Será que mais uma vez o Brasil dará um salto de modernização excluindo a grande maioria dos seus cidadãos em favor de grandes interesses estrangeiros?

Nelson Rosário de Souza, sociólogo

Alça de Mira

Escândalo

Pouco tempo depois de o Governo Collor propor ao Congresso um aumento da taxa de contribuição para a Previdência Social — única maneira, segundo o governo, de cobrir o déficit que seria provocado com o pagamento de 147% aos aposentados —, o Tribunal de Contas da União, a pedido do próprio Congresso, concluiu auditoria nas contas da Previdência, o que representou, na prática, um novo escândalo da Previdência. O relatório do TCU afirma que o Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) teria um superávit de Cr\$ 4,2 trilhões este ano, mesmo pagando o reajuste de 147,06% aos aposentados. Quer dizer, o governo teria enganado a sociedade ao prever déficit de Cr\$ 10 a 11 trilhões com o pagamento do reajuste. Mesmo admitindo-se que a conclusão da auditoria não corresponda fielmente à verdade, o fato é que o Governo Collor mostrou mais uma vez aos brasileiros a sua completa desorganização, já que a auditoria tomou por parâmetro dados da própria Previdência Social.

Desvios

O relatório da auditoria feita pelo Tribunal de Contas da União (TCU) revela ainda que foram desviados 646 milhões de dólares, ou Cr\$ 110 bilhões, ou 22,1% de toda verba destinada à Seguridade Social, a preços de 1990. Se esses recursos desviados fossem usados em projetos e obras de caráter social, em benefício da população de menor poder aquisitivo, daria para entender. Mas o lamentável é que esses recursos, destinados ao pagamento de aposentados e pensionistas, financiaram gastos de publicidade e divulgação a festas, hospedagens, passagens aéreas, pagamento de militares e alimentação para animais.

Desvios 2

Com os 646 milhões de dólares ou Cr\$ 110 bilhões desviados do custeio da Seguridade Social seria possível pagar o benefício previdenciário, durante oito meses, para os 10 milhões de aposentados e pensionistas que recebem o piso — Cr\$ 96 mil em janeiro. Os recursos desviados da Previdência para outros municípios dariam também para construir 646 Centros Integrados de Apoio à Criança (CIACs).

Nível zero

Quando o assunto é nível de ensino, há quase unanimidade de opinião: o ensino no Brasil atingiu índices graves de qualidade e se nada for feito de urgente, a tal capacidade de competição com os países desenvolvidos se transformará num sonho praticamente impossível de alcançar. Mas o que não precisava era baixar tanto o nível: conforme informações da Universidade Federal do Paraná, mais de três mil candidatos do vestibular deste ano tiraram zero na soma das provas. Apenas dois candidatos tiraram nota 10 em redação. Quer dizer, já não se trata mais nem de indigência!

Dívida ou extorsão?

O economista norte-americano Gett Rosenthal, no estudo intitulado "Panorama Social da América Latina", publicado recentemente nos Estados Unidos, revela dados estastecedores e alarmantes sobre as dívidas externas dos países latino-americanos (não custa lembrar que a maior de todas é a brasileira). Informa o estudo que: a) em dez anos, os países latino-americanos remeteram para os países industrializados cerca de 275 milhões de dólares, o que significa que a região transferiu recursos que superam 60% de sua dívida com os

grandes setores financeiros internacionais; b) para obter esses recursos, os países são obrigados a aumentar impostos, cortar despesas com serviços e obras, sacrificar o desenvolvimento, reduzir salários, gerar inflação e desemprego; c) como consequência, houve um profundo recesso econômico na região: o produto por habitante caiu em mais de 10% desde 1980; d) durante a década de 80, os pobres ficaram mais pobres e numerosos, enquanto os ricos ficaram mais ricos, e o número de pobres aumentou de 136 milhões para 183 milhões; e) a pobreza se transformou em um problema urbano, com o agravamento da marginalidade social, aumento do número de indigentes e a formação de bolsões de miséria nas principais cidades.

Elefantiase

Em quase todo o país, nos últimos anos, cresceram os movimentos emancipatórios de distritos. Qualquer localidade, desde que possua uma igreja, um posto bancário e meia dúzia de estabelecimentos comerciais, se julga em condições de conquistar a emancipação política. E muitas têm conseguido se emancipar, mesmo sem condições, através de plebiscitos dirigidos, atendendo a interesses políticos de um grupo restrito de moradores que lotearam o poder. Tal fato, altamente pernicioso, determinou o gigantismo de determinados Estados, alguns, a exemplo do Rio Grande do Sul, parecendo acometidos da doença elefantíase, que estabelece um crescimento exagerado de regiões do corpo. Tal gigantismo trouxe como consequência negativa o aumento desproporcional do Estado em relação à sociedade que o sustenta, como bem observa o jurista Ives Gandra da Silva Martins. E a verdade é que a sociedade não tem mais como sustentar Estados inchados e municípios que só existem no papel e para servir grupelhos. Dessa forma, o Brasil vive o triste paradoxo de ter uma economia em desequilíbrio, mas que, ainda assim, transfere recursos para Estados e municípios que não existiriam sem essas transferências. É necessário, como frisa o jurista Ives Gandra Martins, dar um basta nessas emancipações sem base na realidade.

Alguns empresários que participaram da reunião foram ouvidos pela Folha sobre a realização do Fórum, destacando o acerto da iniciativa da Prefeitura em promoverlo e a expectativa de que os objetivos serão alcançados.

Fórum de Desenvolvimento será no dia 14 de março



Edson Leucz: "Não podemos esperar apenas pelas iniciativas oficiais, dos governos".

Na segunda-feira (27), reuniram-se diretores da Associação Comercial e Industrial de Campo Largo, empresários e o secretário municipal do Desenvolvimento Econômico, Jurandir Caldart, para iniciar as discussões sobre o I Fórum de Desenvolvimento e a criação do Conselho Municipal de Desenvolvimento Econômico. Ficaram definidos data e local do Fórum: 12 de março, no Paol Club de Campo. Nesta semana, serão realizadas mais duas reuniões setoriais para planejamento do evento.

Alguns empresários que participaram da reunião foram ouvidos pela Folha sobre a realização do Fórum, destacando o acerto da iniciativa da Prefeitura em promoverlo e a expectativa de que os objetivos serão alcançados.

V Semana Pedagógica

Numa promoção da Secretaria Municipal de Educação, através da Divisão de Ensino, de 10 a 14 deste mês será realizada a V Semana Pedagógica, nas dependências da Escola Municipal Juventude de Campo Largo (Colégio Kennedy) e Escola do Trabalho (Rua Desembargador Clotário Portugal, 842).

A programação da V Semana Pedagógica é a seguinte:

1º horário, das 8 às 12 horas, oficinas de Educação Especial, Pré-escolar e Educação Artística.

2º horário, das 13 às 17 horas, oficinas de Português (de 5ª à 8ª série), Matemática (de 1ª à 4ª série) e Pré-escolar.

Edson Leucz, proprietário de loja de materiais para construção, disse que o Fórum poderá traçar os rumos do desenvolvimento do município e recuperar o tempo perdido e as posições que Campo Largo tem deixado de ocupar na Região Metropolitana. Em sua opinião, os empresários devem-se unir e ter consciência de que são os maiores responsáveis pelo desenvolvimento da comunidade.

"Não podemos esperar apenas pelas iniciativas oficiais dos governos; temos que abrir nossos próprios caminhos. E a criação do Conselho Municipal de Desenvolvimento Econômico poderá evitar que administrações futuras comprometam conquistas já consolidadas e fazer com que as metas propostas e planejadas no Fórum sejam

Prêmios de feira

O presidente da Associação dos Artesãos de Campo Largo, Osvaldo Andrade Zotto, informou os nomes dos ganhadores do sorteio de prêmios da Feira de Artesanato realizada sexta-feira e sábado passado:

1.º prêmio: Cr\$ 50 mil (Ingrid G. Markendorf).

2.º prêmio: uma torta de coco (o ganhador foi Lindomar S. Vieira, de Ponta Porã (MS); em novo sorteio o prêmio foi Olívio Longato).

3.º prêmio: um arranjo de flores (Ivone de Carvalho).

Também foram sorteados dois brindes apenas entre os visitantes, sendo ganhadoras Neuza Teixeira (um arranjo de flores) e Rute Sartori Ladoruski (uma torta de coco).

CASA VICTÓRIA

Rua Dr. Osvaldo Cruz, 1302-B
Campo Largo- Pr. Fone: 292-2162

Grande promoção de: xaxins, pratos, suportes e correntes para vasos
Aproveite os precinhos vitória para a vitória do seu bolso

Casarão Dancing Bar

A mais nova opção para quem gosta de saborear bons petiscos e uma boa música.
Venha conhecer, comprove e aprove tudo que existe de melhor em frutos do mar.

Casarão Dancing Bar

Rua Barão do Rio Branco, 1115
Fone: 292-3063

Atendendo a partir das 19 horas

Substituição de ministros não aumenta o crédito do governo

Saiu o Rogério Magri, o mago das trapalhadas, entrou o paranaense Reinhold Stephanes para dirigir o Ministério da Previdência (a usina de escândalos do Governo Collor); saiu Aleni Guerra para dar lugar, interinamente, a José Goldemberg na Pasta da Saúde; voltou Margarida Procópio e assentou praça no Ministério da Ação Social o deputado Ricardo Fiúza, pernambucano, bem acabado representante da velha política nordestina, ex-líder do PFL na Câmara Federal, que também não dispensa a prática da máxima franciscana "e dando que se recebe", em política com o sentido desvirtuado.



"A troca de ministério não vai resolver coisa alguma. A classe política que o Brasil tem hoje não merece crédito. O interesse deles é somente fazer politicagem, mais nada. Entendo que a única solução é o povo se insuair mais, aprendendo a votar. Devemos escolher quem não estiver interessado em fazer carreira profissional na política. Por isso, o melhor seria votar em empresários, que dariam o seu recado e depois voltariam para suas empresas". (Clodomiro Bathke, industrial).



"Na verdade, vocês sabem o que eu penso? Que essa troca ministerial vai trazer é mais problemas do que benefícios para o país. E sabem quem mais? O presidente não deveria ter tirado a Zélia, porque o plano dela é que estava certo. Não adianta ficar mudando. Bom mesmo seria a volta do tempo do Figueiredo, quando vivíamos melhor do que hoje". (Davi Raposo, lavrador).

A nova reforma ministerial promovida por Collor, dizem os analistas, tem o propósito de sintetizar o governo com a frequência conservadora pela qual é modulada a maior parte das forças parlamentares. Não há como negar o alinhamento do governo com o PFL, partido que desde o período ditatorial (quando a maioria dos seus integrantes de hoje pertencia aos quadros da antiga Arena) faz do apoio aos poderosos de plantão uma de suas regras, embora aqui e ali adote episódicas manifestações de independência, mas sempre com o objetivo de estabelecer acordos logo em seguida.

Sem base parlamentar para



"O presidente Collor tinha que mudar o ministério mesmo. Havia ministros que não estavam correspondendo, deixando de cumprir o seu papel e trabalhar em favor da população. Acredito que com essa mudança o presidente poderá fazer um governo melhor. A coisa está muito feia para os pobres, que são maioria, e é preciso que o presidente aja. Apóio a mudança". (Noêmia Batista Cosmo, dona-de-casa).



"A simples troca de uma roupa não vai fazer uma pessoa diferente; pode mudar a aparência, o visual, a parte externa, mas mudar mesmo, a pessoa não muda só porque trocou de roupa. Assim o Governo Collor. Se o desejo do presidente Collor fosse melhorar a situação do povo brasileiro, as mudanças teriam que ser profundas, bem estruturadas e planejadas. Apenas trocar ministros não resolve". (Maria Izabel Dalzotto, professora).

fazer passar seus projetos no Congresso, entendem os analistas que o presidente Collor buscou formalizar essa aliança com os pefelistas para poder governar com mais tranquilidade e enfrentar, com alguma possibilidade de sucesso, os ataques da oposição. Fortalecendo o PFL, Collor praticamente deu adeus a qualquer chance de entendimento com partidos como o PSDB e PDT. Mas será que esse jogo de cúpula servirá para o governo ganhar condições para a mudança de rumos que se impõe no país? Será que essa troca de ministério, ao sabor dos interesses meramente políticos, atenderá aos interesses maiores da coletividade brasileira?



"Já não acredito em mais nada neste país. A gente olha e verifica que está tudo bagunçado. Não sei se é o Collor, ou se é o pessoal que ele escolhe, mas a verdade é que nada funciona. Acho que a simples troca de ministros não resolve. Era necessário estabilizar a inflação, como aconteceu no tempo dos militares, quando a gente sabia mais ou menos o preço das coisas. Hoje você não sabe". (Adriano Antonio Cheva, comerciante).



"A troca no ministério algum tipo de benefício haverá de trazer para a população brasileira. Se o presidente da República decidiu realizar essas modificações é porque observou que o funcionamento da máquina administrativa não estava correspondendo. Quando isso acontece, quando um ministro não trabalha como deveria, tem que trocar". (Aureo Quadros, funcionário público).

EXPEDIENTE

FOLHA DE CAMPO LARGO

Diretor-presidente:
Germano de Oliveira

Editor:
Inácio Alfonsim Parzanzi

Comércio de Artes Gráficas
Ideias Novas Ltda
Rua Marechal Deodoro, 495
Galeria Virgínia, loja 107
Telefax: (041) 392-1331
Campo Largo - Paraná

Composição, past-up e
fotolito
Comércio de Artes
Gráficas Ideias Novas Ltda

Impressão
Jornal do Estado Ltda
Rua Roberto Barroso, 22
Centro Cívico
Telefone: (041) 254-7011
Curitiba - Paraná

Frases

"Todo passado é remorso". (Otto Lara Resende, escritor e jornalista).

"A lógica da dominação econômica criou mecanismos perversos. É preciso que se diga com veemência que a dívida externa de um país não poderá nunca ser paga à custa da miséria e da fome de seu povo". (Papa João Paulo 2.º).

"Sai a República de Alagoas e entra a República do Centário". (Deputado José Genofino, líder do PT na Câmara Federal).



Venha conhecer
nossa linha de
aviamentos, material
escolar, brinquedos e
presentes.

Rua Rui Barbosa, 1500 — Edif. Ilha do Mel
FONE: 292-2564



Casa própria é uma realidade!

Na PIOTTO COM. DE MAT. PARA CONST. E MADEIRAS EM GERAL, você encontra preços especiais com um plano de pagamento em até 3 X sem entrada.

Possuímos entrega imediata e não cobramos frete
Utilize nosso fone-vendas

Matriz: Rua XV de Novembro, 2891
Fone: 292-1143

Filial: Rodovia do Café, km 192-1909

HISTÓRICO
MUNICIPAL DE CAMPO LARGO - PR